

A Transversalidade da Prática do Profissional de História

Denise Pereira
(Organizadora)



Denise Pereira
(Organizadora)

A Transversalidade da Prática do Profissional de História

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

T772 A transversalidade da prática do profissional de história [recurso eletrônico] / Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A transversalidade da Prática do Profissional de História; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-282-1

DOI 10.22533/at.ed.821192504

1. História – Estudo e ensino. 2. Prática de ensino. 3. Professores de história – Formação I. Pereira, Denise. II. Série.

CDD 907

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A transversalidade da Prática do Profissional de História

Ao longo das últimas décadas, o ensino de História vem se consolidando enquanto campo de pesquisa, principalmente a partir da década de 1980, e as linhas de pesquisa, mormente, estão ligadas às metodologias de ensino, ao livro didático ou, ainda, às políticas públicas de inserção desses temas no currículo escolar. Neste modo, falar de transversalidade na prática do profissional de História, é observar a ligação aproximada da escola da realidade vivida pelos alunos, ou seja, trazer as disciplinas, os professores, os conteúdos escolares e aproximá-los do mundo do estudante. Dessa maneira, os alunos teriam uma aprendizagem significativa e seriam vistos com sujeitos históricos.

Os temas transversais são abordados recorrentemente a partir da proposta do trabalho interdisciplinar. O fato recorrente nessas abordagens interdisciplinares é que cada disciplina/campo se preocupa com seu recorte específico sobre o tema, o que acaba fragmentando-o ainda mais.

A aplicação dos temas transversais acontece a partir da renovação nos métodos, conceitos e didáticas no campo da pesquisa em História. Neste e-book temos a compreensão da realidade e a afetiva participação do indivíduo a partir de dados e noções relativos ao seu cotidiano, ao seu universo, fazem com que a campo do historiador a passe a ser considerada como um espaço de conhecimento e reconhecimento, onde por intermédio das diversas outras áreas de pesquisa se concretize como construtor de sua própria história.

Aqui diversos pesquisados do campo da História, trabalharam com a proposta de temas transversais em várias áreas baseadas em eixos temáticos, tais como: cultura, religião, educação, arte, cinema, gênero, entre muitos outros.

Boa leitura.
Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A DRAMATURGIA COMO FONTE PARA HISTÓRIA DA ILUMINAÇÃO CÊNICA, QUESTÕES DE ABORDAGEM PARA UMA PESQUISA EM ANDAMENTO	
Berilo Luigi Deiró Nosella	
DOI 10.22533/at.ed.8211925041	
CAPÍTULO 2	8
A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E ARTÍSTICA (EPA) COMO COMPONENTE CURRICULAR DAS ESCOLAS ESTADUAIS DA BAHIA: A EXPERIÊNCIA DO COLÉGIO DOUTOR JUCA SENTO-SÉ	
Angla Pereira dos Santos Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.8211925042	
CAPÍTULO 3	14
A ESCOLARIZAÇÃO EM ITABORAÍ-RJ NO PERÍODO IMPERIAL (1840-1888)	
Regina Coeli Alcantara Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8211925043	
CAPÍTULO 4	24
A FORMAÇÃO DE MÉDICOS NEGROS NAS ESCOLAS MÉDICAS BRASILEIRAS	
Helber Renato Feydit de Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.8211925045	
CAPÍTULO 5	31
A HISTÓRIA DO BAIRRO SÃO BENEDITO	
Marília Villanova Rodriguês	
DOI 10.22533/at.ed.8211925045	
CAPÍTULO 6	38
A LINHA DURA NACIONALISTA E A “NASSERIZAÇÃO FRUSTRADA” DO REGIME MILITAR BRASILEIRO	
Guillaume Azevedo Marques de Saes	
DOI 10.22533/at.ed.8211925046	
CAPÍTULO 7	46
A LITERATURA E O CORPO CONTRA O CASTRISMO: O RELATO AUTOBIOGRÁFICO DE REINALDO ARENAS (1943-1990)	
Bruna Alves Carvalho Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.8211925047	
CAPÍTULO 8	54
A NAÇÃO NO BRASIL E NA COLÔMBIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DO ESPORTE ¹	
Eduardo de Souza Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.8211925048	
CAPÍTULO 9	65
A POLÍTICA INVADE O VERSO: REPRESENTAÇÕES DA REVOLUÇÃO DE 1848 NA POESIA DE BAUDELAIRE	
Marcos Antonio de Menezes	
DOI 10.22533/at.ed.8211925049	

CAPÍTULO 10	76
CONSERVADORISMO E PERSPECTIVA VARNHAGENIANA: ANÁLISE DE UM CONCEITO	
Ingrid Silva Lucas	
DOI 10.22533/at.ed.82119250410	
CAPÍTULO 11	85
DA IGREJA AO CAMPO SANTO: O NASCIMENTO DOS CEMITÉRIOS E O MONOPÓLIO DA MORTE NO BRASIL DO SÉCULO XIX	
Leonardo Oliveira Silva	
DOI 10.22533/at.ed.82119250411	
CAPÍTULO 12	99
DEMOCRACIA E AUTORITARISMO: Trajetória Política De Eduardo Gomes Em Contextos De Transições	
Flavia Salles Ferro	
DOI 10.22533/at.ed.82119250412	
CAPÍTULO 13	105
DO SUBVERSIVO AO TRAFICANTE: O PAPEL DA GUERRA ÀS DROGAS NA CONSTRUÇÃO DO “INIMIGO INTERNO” NO BRASIL	
Luiz Henrique Santos Brandão	
DOI 10.22533/at.ed.82119250413	
CAPÍTULO 14	120
ENSINO DE HISTÓRIA E O USO DO FILME: DIÁCONOS PELA DEFESA E JUSTIÇA E A CONSTRUÇÃO DO SABER DISCENTE	
Samara Letycia Moura Borges	
DOI 10.22533/at.ed.82119250414	
CAPÍTULO 15	127
ENTRE O DISFORME E O MONSTRO: O CORPO ESPETÁCULO	
Juçara de Souza Nassau	
DOI 10.22533/at.ed.82119250415	
CAPÍTULO 16	137
FUNÇÃO POLÍTICA DA MEMÓRIA E AFIRMAÇÃO INSTITUCIONAL	
Lindsay Borges	
DOI 10.22533/at.ed.82119250416	
CAPÍTULO 17	153
GÊNERO E DISCURSO NO CURDISTÃO SÍRIO: NOTAS DE PESQUISA	
Maria Raphaela Campello	
DOI 10.22533/at.ed.82119250417	
CAPÍTULO 18	166
GESTÃO DOS SENTIMENTOS POLÍTICOS: UMA ANÁLISE DO <i>FRONT NATIONAL</i> COM MARINE LE PEN	
Makchwell Coimbra Narcizo	
DOI 10.22533/at.ed.82119250418	

CAPÍTULO 19	179
HISTÓRIA E SEGURANÇA DA INFORMAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E O DESENVOLVIMENTO DA CRIPTOGRAFIA A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA INTEGRADA	
Rogério Chaves da Silva	
George Mendes Marra	
Delson Ferreira	
Geovane Reges de Jesus Campos	
Amivaldo Batista dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.82119250419	
CAPÍTULO 20	195
HISTÓRIA, IMPRENSA E PODER: FOLHA DE S. PAULO E O GLOBO COMO ATORES POLÍTICOS NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 1994 E 1998	
Fabrício Ferreira de Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.82119250420	
CAPÍTULO 21	209
INFINITAS MARIAS Conhecendo as Marias desde 1950 PROPOSTA DE PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO	
Ronía Batista Vaz Otoni	
DOI 10.22533/at.ed.82119250421	
CAPÍTULO 22	217
JORNALISMO LITERÁRIO E PÓS-MEMÓRIA NA ÁFRICA COLONIAL PORTUGUESA DO SÉCULO XX: O CASO DOS LIVROS-REPORTAGEM SOBRE RETORNADOS	
Flávia Arruda Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.82119250422	
SOBRE A ORGANIZADORA	226

A LITERATURA E O CORPO CONTRA O CASTRISMO: O RELATO AUTOBIOGRÁFICO DE REINALDO ARENAS (1943-1990)

Bruna Alves Carvalho Mendes

Universidade Federal de Goiás

Goiânia- Goiás

RESUMO: Reinaldo Arenas foi uma testemunha privilegiada dos acontecimentos em Cuba pois vivenciou a Revolução; que instaurou uma ditadura comunista. Escritor e homossexual, enfrentou-a em duas frentes, visto que escritores contrários ao regime eram considerados contrarrevolucionários e portanto, intoleráveis; além da perseguição contra os homossexuais. Foi exilado pelo porto de Mariel em 1980, num movimento migratório formado em sua maioria por jovens que foram coagidos a apoiar e sustentar a Revolução, mas que sofreram perseguições por suas convicções contrárias ao regime e à moral vigente. Arenas sem dúvidas apoiou a Revolução em seu início, mas a censura e perseguição que sofreu levaram ao descontentamento e oposição à ela. Pelo seu relato, identificamos duas formas que Arenas utilizou como resistência. Uma, sua própria escrita. Para ele, a literatura era sua forma de existir e atuar no mundo a sua volta: tanto com sua autobiografia, um grito pela liberdade e contra a opressão; quanto em seus livros literários que, mesmo ficcionais, faziam claras alusões e duras críticas ao Castrismo. Segundo, Arenas utilizou sua homossexualidade como

rebeldia contra a moralidade cubana. Esses são apenas aspectos da complexa personalidade e vida do escritor, a qual será apresentada brevemente nesse trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Revolução Cubana; Geração Mariel; Exílio; Autobiografia.

ABSTRACT: Reinaldo Arenas was a privileged witness of the events in Cuba because he lived within the Revolution; which established a communist government. Writer and homosexual, he faced it on two fronts, since writers opposed to the regime were considered counterrevolutionary and therefore intolerable; as well as persecution against homosexuals. He was exiled by the port of Mariel in 1980, in a migratory movement formed mostly by young people who were coerced to support and sustain the Revolution, but who suffered persecution for their convictions contrary to the regime and the current morality. Arenas undoubtedly supported the Revolution at its inception, but the censure and persecution it suffered led to discontent and opposition to it. For his account, we identified two forms that Arenas used as resistance. One, his own writing. For him, literature was his way of existing and acting in the world around him: both with his autobiography, a cry for freedom and against oppression; and in his literary books that, even fictional, made clear allusions and

harsh criticisms of Castroism. Second, Arenas used his homosexuality as a rebellion against Cuban morality. These are only aspects of the writer's complex personality and life, which will be briefly presented in this paper.

KEYWORDS: Cuban Revolution; Mariel Generation; Exile; Autobiography.

1 | INTRODUÇÃO

A Revolução Cubana foi um dos maiores e mais importantes acontecimentos do século XX. O impacto que ela teve em todo o globo é inegável, e até hoje é um assunto que gera inúmeras discussões e diferentes interpretações. Nessa teia complexa que é o acontecimento da Revolução de 1959, me chamou a atenção um aspecto em particular.

Ao estudar a evasão massiva de cubanos pelo porto de Mariel em 1980, que levou 125 mil cidadãos a exilarem-se na condição de dissidentes, rumo aos Estados Unidos. Dentre estes, destaca-se o escritor Reinaldo Arenas, objeto de pesquisa do presente trabalho. Das inúmeras obras que o literato deixou como legado, elegi sua autobiografia como centro da reflexão de minha dissertação de mestrado.

Nela, Arenas faz uma rememoração de toda sua vida, dando a ela um tom dramático e nostálgico. À beira da morte e no exílio, onde adquiriu o vírus do HIV em 1987, o autor coloca como imperativo moral terminar sua obra literária e sua autobiografia, o último trunfo contra o regime Castrista que o perseguiu durante a maior parte de sua existência; o que fez de Arenas um duplo exilado, nos Estados Unidos e em seu próprio país.

O escritor faz essa rememoração de maneira perspicaz, elegendo fatos (o que é natural do fazer autobiográfico) que mostrariam ao leitor sua verdadeira “essência”: um escritor cubano dissidente e homossexual. Ao longo dos estudos, ancorei dois fatores como essenciais na luta e rebeldia de Arenas contra o regime Castrista: sua sexualidade e sua escrita. Neste capítulo, tentarei desvelar apenas um aspecto da vida de Arenas, que nos chega pela autobiografia.

Num primeiro momento, apresentarei a Cuba na qual Arenas nasceu e formou-se enquanto indivíduo e posteriormente escritor, panorama esse que acabaria por ditar os rumos de sua vida; algo que o rebelde escritor não podia suportar. Depois, discutirei como de fato Arenas rebelou-se contra o regime e como esses aspectos de sua vida aparecem na autobiografia, levando em conta que esse tipo de escrita sempre é seletiva e em parte distorcida; justamente o que faz do fazer autobiográfico tão rico e fértil para o campo da História.

2 | ARENAS E O MUNDO: DA REVOLUÇÃO CUBANA À GERAÇÃO MARIEL

Arenas nasceu na província de Holguín, Cuba, em 1943. Viveu durante o período da ditadura de Fulgêncio Batista. Camponês e extremamente pobre, se juntou aos rebeldes aos 14 anos e lutou na Revolução que viria a depor o ditador tempos depois. A vitória popular levou a um governo provisório, que futuramente seria liderado por Fidel Castro. Os revolucionários agora tinham a grande tarefa de consolidar a Revolução e dar forma ao corpo burocrático que erigiria a nova nação; visto que o exército camponês que deu a vitória aos rebeldes não tinha preparação suficiente para a tarefa.

Nos anos iniciais o que se via era uma tentativa de socialismo híbrido das Américas, projeto esse que fracassou após a aproximação com o partido socialista soviético; e que já sofria duros ataques do seu vizinho ao norte. Em todo caso, todos os esforços do país foram convergidos para sustentar o governo nesse momento frágil de consolidação e instabilidade com os países vizinhos. 1961 foi um ano decisivo para Cuba, com o episódio da Baía dos Porcos ou *Playa Girón*. A expulsão dos norte americanos pelos próprios cubanos deu fôlego à Revolução e uma nova guinada. Ao mesmo tempo, reforçou a necessidade de defesa da nova ordem, visto que o maior inimigo estava apenas a uns poucos quilômetros de distância. No icônico “Discurso aos Intelectuais”, Castro, já em 61 proferiu a famosa frase: “*Dentro de la revolución todo! Contra de la revolución nada!*”.

O slogan cubano deixou claro quais seriam os encaminhamentos revolucionários a partir daquele momento. Tudo dentro e para o regime, a criação e/ou manifestação que estivesse fora dos preceitos socialistas cubanos não seriam tolerados. A partir de então, é possível identificar duas tentativas da inviabilização da dissidência, que afetaram diretamente o autor em questão.

Enquanto Fidel Castro se encarregou da parte burocrática e mais política do novo governo, Che Guevara tomou frente nas políticas culturais e projetos sociais que encaminhassem a Revolução. A criação do projeto do Homem Novo é datado por volta de 1965, já nos (conturbados) anos iniciais. A ideia principal era de que para uma nova sociedade, urgia também a necessidade de um novo tipo de homem para defendê-la. Visto que a velha guarda cubana já se auto exilara (muitos em Miami) a partir da deflagração da Revolução, o governo voltou os olhos para aqueles que estavam iniciando sua vida e tanto tinham a oferecer. Em linhas gerais, trata-se de observar um grupo composto quase inteiramente por pessoas que “vivenciaram a revolução quando ainda eram adolescentes e que, de certa forma, foram o laboratório de aplicação dos pressupostos morais e ideológicos do Homem Novo junto ao seu principal objeto: a juventude.” (MARQUES, 2009, p. 65). Guevara acreditava que essa mudança viria através da educação e também pelo trabalho, muitas vezes obrigatório.

Em resumo, Rickey Leandro nos traz que:

Após 1961 ficou evidenciado que a preocupação dos líderes revolucionários, Fidel Castro e Ernesto Che Guevara entre outros, era com a construção de uma nova

sociedade e, sobretudo, de um “homem novo” capaz de dar sentido e perpetuação à revolução que iniciava a sua grande “marcha”. Era consenso entre estes revolucionários que a principal batalha da revolução seria a edificação desse novo personagem e que sem a sua presença a mesma se estagnaria. Portanto havia a urgência de preparar a juventude cubana para os novos desafios da Revolução e que esta, de certa forma, estivesse à altura da geração revolucionária de Sierra Maestra que conquistou a soberania política e econômica da Ilha. (MARQUES, 2009, p. 64)

Com isso, foram criadas as UMAP's (*Unidad Militar de Ayuda a la Producción*), que ficaram conhecidas como campos de trabalho forçado. Lá, os jovens eram enviados para trabalhar principalmente na agricultura, principal fonte de renda do país. Mas veremos também, mais a frente, que Arenas denuncia que também havia uma forte doutrinação comunista nesses campos. Lá, os jovens eram enviados para trabalhar em condições insalubres e com o mínimo de descanso. Assim, ao mesmo tempo que fortaleciam a economia cubana, eram “moldados” de acordo com os preceitos comunistas, esperando-se que viriam a ser futuros guerrilheiros aos moldes dos bravos heróis de Sierra Maestra. Mas, o principal ponto que Arenas denunciou foi o envio de homossexuais para esses campos. Não havia espaço para as relações homoafetivas na nova Cuba. O homem novo era o guerrilheiro aguerrido, camponês, heterossexual, viril. E o trabalho forçado e ensino do comunismo visava combater e corrigir esses “desvios de conduta” nos jovens cubanos.

Com o passar dos anos eufóricos iniciais da Revolução, onde o respaldo popular ainda era bastante forte, a esperança deu lugar ao descontentamento. Se antes pensavam que Castro daria força à Cuba e acabaria com a tirania, gradativamente percebeu-se que nada de novo trazia o governo comunista. Esse sentimento culminaria no famoso episódio que acabou por tirar aproximadamente 125 mil cubanos da Ilha: o fenômeno Mariel. No início da década de 80, um motorista atirou um ônibus com todos os passageiros contra o prédio da embaixada peruana e exigia asilo político no Peru. Apesar das inúmeras tentativas de se evitar um escândalo a nível internacional, em poucos dias a embaixada foi tomada por pessoas que:

colocavam-se na condição de dissidentes políticos e eram, em sua ampla maioria, jovens que haviam formado sua consciência social e política durante a Revolução, e pertenciam quase todos às camadas populares. Ou seja, constituíam o grupo social que havia sido definido como o principal alvo da revolução de 1959. (MARQUES, 2009, p. 142)

Frente à inabilidade do governo castrista de controlar essas pessoas que queriam se fazer ouvidas, os Estados Unidos se prontificou a receber um certo número de cubanos e o porto de Mariel foi aberto para que todos pudessem sair. Castro se aproveitou desse episódio para manipular as opiniões e tentar mascarar o fato de que o Projeto do Homem Novo tinha sido um completo fiasco. Dessa forma, o governo dirigiu todos os seus esforços para diminuir aqueles cubanos que saíram pelo porto na condição de dissidentes. “O discurso oficial também procurou depreciar social, moral e mesmo intelectualmente os que emigravam, e enquadrá-los na categoria emigrado/

lúmpen, definindo-os como a *escória* da sociedade cubana.” (MARQUES, 2009, p. 157) E mais, os marielitos foram “considerados socialmente desqualificados como, por exemplo, homossexuais, delinquentes, doentes mentais, prostitutas, alcoviteiros, entre outras categorias consideradas negativas pela sociedade cubana” (MARQUES, 2009, p. 167).

Se em Cuba eles não eram bem quistos, tampouco seriam bem recebidos pela comunidade cubana em Miami. A velha guarda que se auto exilara no deflagrar da Revolução considerava aqueles jovens fruto da doutrinação comunista, deturpadores da moral e do verdadeiro significado do que era ser cubano. Um grupo específico de escritores contrarrevolucionários se uniram e publicaram por cerca de dois anos a chamada *Revista Mariel*. Reinaldo Arenas foi um dos seus editores e ela visava combater essa identidade proposta pelo governo cubano. Era a história dos marielitos contadas por eles mesmos.

Nesse contexto se insere meu objeto de pesquisa e sua narrativa autobiográfica. Como já mencionei, desde 1961, logo no início da sua vida literária, Arenas foi censurado pelo governo castrista; já que a única manifestação cultural possível era aquela que fosse a favor do regime e isso Arenas não podia tolerar. O escritor não nega seu apoio à Revolução nesse período inicial, mas ele mesmo foi participante ativo do processo de instauração do projeto do Homem Novo e sofreu duramente as consequências dele. Enfrentou, então, a Revolução em duas frentes: ele era um escritor dissidente e futuramente marielito, e homossexual. Foi privado do seu lugar de fala então se voltou para a única coisa que possuía e dava sentido à sua existência: a escrita.

No próximo tópico adentrarei o mundo autobiográfico do autor, como ele utilizou a literatura e sua homossexualidade a seu favor para denunciar todos os abusos que sofreu e se fazer ouvido. Através dessa memória-denúncia, Arenas deixa seu relato e vê a história da Revolução como um drama pessoal e coletivo.

3 | A LITERATURA E O CORPO CONTRA O CASTRISMO

Arenas descobriu portar AIDS em 1987, já no exílio em Nova York. Ficou três meses no hospital, e relata que ao sair e chegar em sua casa:

pisei num envelope onde havia um veneno contra ratos chamado *Troquemichel* [...] era óbvio que alguém havia colocado aquele veneno para que eu o tomasse. Decidi na mesma hora que o suicídio que eu planejava tinha de ser adiado. Não podia dar tamanho prazer a quem havia deixado o envelope no meu quarto [...] como não tinha forças para me sentar à máquina, comecei a registrar num gravador a história da minha própria vida [...] eu já havia iniciado, como veremos adiante, minha autobiografia em Cuba. O título era *Antes que anoiteça*; pois precisava escrever antes que escurecesse, já que eu me encontrava escondido num bosque. Agora, a noite se aproximava novamente, de uma forma mais iminente. Era a noite da morte. Agora se tornava imperativo que eu concluísse minha autobiografia antes que anoitecesse. Considerei essa tarefa como um desafio. E foi assim que continuei trabalhando em minhas memórias. (ARENAS, 2009, p. 7-10)

A essa altura, a maioria dos seus manuscritos já haviam sido enviados para fora de Cuba. Arenas os enviava clandestinamente, através de estrangeiros que visitavam a Ilha e depois retornavam à Europa. Em Paris, o autor possuía um casal de amigos que o ajudaram desde o início de sua carreira literária; chamados Jorge e Margarita Camacho. Arenas relata inúmeras vezes que sua amizade foi o que o salvou em momentos de desespero, pois sabia que sempre poderia contar com eles e que seus manuscritos estariam a salvo em suas mãos. Antes de morrer, Arenas redige um documento onde deixou Jorge Camacho responsável por suas obras, e de fato o pintor fez todos os arranjos para publicá-las e foi uma espécie de agente literário do autor. Os manuscritos originais de Arenas estão na Universidade de Princeton, a pedido do escritor.

Nesses relatos, notamos a importância crucial que a literatura tinha para o autor. Particularmente, Arenas evidencia sua criatividade literária como força vital, bem como a necessidade de escrever para sobreviver, também como estratégia discursiva. Ele buscava o reconhecimento que não teve em vida, pois nunca o teve estando em Cuba, mesmo sendo um escritor premiado a nível internacional. Estava decidido a suicidar-se logo após sair do hospital, pois a maioria de seus manuscritos já estavam encaminhados para serem publicados. Ainda assim, faltava a não-terminada autobiografia, cuja escrita foi interrompida com sua prisão em 1973; uma vez que os manuscritos originais foram parar na mão da polícia. Após esse episódio no hospital, Arenas estava decidido a escrever sua vida como uma memória-denúncia, já que a morte mostrava-se mais presente do que nunca. Isso fica mais claro em sua carta de despedida, entregue a seus amigos após suicidar-se em 1990:

Queridos amigos: Debido al estado precario de mi salud y a la terrible depresión sentimental que siento al no poder seguir escribiendo y luchando por la libertad de Cuba, pongo fin a mi vida. En los últimos años, aunque me sentía muy enfermo, he podido terminar mi obra literaria, en la cual he trabajado por casi treinta años. Les dejo pues como legado todos mis terrores, pero también la esperanza de que Cuba pronto será libre. Me siento satisfecho con haber podido contribuir aunque modestamente al triunfo de esta libertad. Pongo fin a mi vida voluntariamente porque no puedo seguir trabajando. Ninguna de las personas que me rodean están comprometidas en esta decisión. Sólo hay un responsable: Fidel Castro. Los sufrimientos del exilio, las penas del destierro, la soledad y las enfermedades que haya podido contraer en el destierro seguramente no las hubiera sufrido de haber vivido libre en mi país. Al pueblo cubano tanto en el exilio como en la Isla los exhorto a que sigan luchando por la libertad. Mi mensaje no es un mensaje de derrota, sino de lucha y esperanza. Cuba sera libre. Yo ya lo soy. (ARENAS, 1990)

Num momento de redemocratização dos regimes autoritários por toda a América Latina, Arenas acreditava que sua obra, em especial a autobiografia, nortearia o povo cubano rumo à libertação do governo de Castro; figura a qual ele atribui todas suas desgraças e padecimentos. Seu desejo era deixar sua escrita autobiográfica, ou seja, a história de sua vida e seu sofrimento como legado à Ilha. Ela era, portanto, sua arma final contra o Castrismo, uma espécie de trunfo político. Não obstante, podemos pontuar que nada disso foi posto ao acaso na obra. Ao tornar Castro responsável pelo

seu sofrimento e privação de liberdade, Arenas se coloca como vítima do regime, o que ele esperava que daria maior legitimidade e reconhecimento para sua obra literária após sua morte. Enquanto em vida, sua literatura foi sua forma de manifestação e rebeldia, enquanto a autobiografia estava relegada à posteridade.

Em vida, a segunda ferramenta de luta/resistência e atuação no mundo existente, foi o corpo, e conseqüentemente, sua homossexualidade. Arenas alega que o erotismo era algo natural ao homem camponês, a maioria na Ilha. Essa estratégia discursiva buscava minar de dentro o argumento do Homem Novo, que virilizava os corpos masculinos. Apesar da homofobia estar presente em Cuba desde sempre, somente com a Revolução Cubana ela foi institucionalizada e passível de prisão. Arenas ficou no cárcere de 1973 a 1976, sob alegação de corrupção de menores. Na realidade, o escritor foi preso por conta de sua escrita considerada contrarrevolucionária, mas a Revolução na década de 70 encontrava-se fragilizada; não podendo arcar com outro escândalo envolvendo censura, como fora o caso da prisão do escritor Heberto Padilla.

Sobre a sexualidade, Arenas escreve que, na década de 1960 nunca se transou tanto na Ilha, e que o deleite da relação sexual estava justamente no caráter proibido deste:

Talvez no íntimo percebessem que estavam fazendo algo proibido, que estavam sob a lei do perigo, tornavam-se malditos. Por isso, quando chegava aquele momento, exibiam tal plenitude, tal esplendor, e gozavam cada instante como se fosse o último ou como lhes pudesse custar muitos anos de cadeia. [...] O prazer sexual entre dois homens era uma espécie de conspiração; algo que acontecia no escuro ou em plena luz do dia, porém clandestinamente; um olhar, uma piscada, um gesto, um sinal eram suficientes para iniciar a sequência que levaria ao gozo total. (ARENAS, 2009, p. 138)

Era um momento de pura liberdade e satisfação, onde podiam ser livres mesmo que por um instante. Ainda, para Arenas a escrita não se separava de sua homossexualidade. Um alimentava o outro, servindo como fonte de inspiração. Sobre seus anos de juventude, o autor escreve:

Nosso maior prazer era a possibilidade, sempre difícil, de alugar uma casa em Guanabo. No entanto, durante os anos 1960, quase sempre algum amigo dava um jeito de conseguir uma [...] era a maior festa. Levávamos nosso cadernos e escrevamos poemas e capítulos de romances; transávamos com exércitos inteiros de adolescentes; o erótico e o literário andavam de mãos dadas. (ARENAS, 2009, p. 133)

Já no exílio, Arenas relata que as relações sexuais não mais tinham o encanto de antes; pois não havia essa aura mística em torno do ato sexual, a surpresa, a ansiedade de encontrar um parceiro em um local inusitado. Um paradoxo, pois uma vez que encontrava-se livre nos Estados Unidos, rememora nostalgicamente os tempos que vivia em Cuba e era realmente feliz, algo que jamais encontrou no exílio.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou delinear brevemente aspectos da vida de um homem privado de sua liberdade, focando em dois aspectos que considerava essenciais para a formação de sua individualidade.

Visto que para Arenas, sua existência pautava-se em ser escritor e homossexual, a privação à liberdade sexual e de expressão fizeram dele um contrarrevolucionário e opositor ao regime Castrista. Nada mais natural que manifestasse sua opção pela dissidência através destes dois aspectos: sua sexualidade e sua escrita.

Espero ter contribuído de forma modesta para o debate em história da América Latina e principalmente no campo da História Cultural, que considera as escritas de si como fontes privilegiadas no campo da História e ricas em historicidade.

REFERÊNCIAS

ARENAS, Reinaldo. **Antes que anoiteça**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2009.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, n.21, 1998/01. Dossiê Arquivos Pessoais.

CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. In: **Revistas Estudos Históricos**. São Paulo, v.11, nº 21, 1998, p. 43-58.

CUNHA, Maria Teresa. Diários pessoais: territórios abertos para a História. In: PINSKY, Carla Bessanezi; LUCA, Tânia Regina de (org.) **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 251-279.

FOUCAULT, Michel. A escrita de Si. In: MOTTA, Manoel (org.) **Michel Foucault: ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 144-162.

GAY, Peter. O traço comum. In: **O coração desvelado: a experiência burguesa da Rainha Vitória à Freud**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 337-376.

GOMES, Ângela de Castro (org). **Escritas de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 7-27.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (orgs.) **História: Novos problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995, p. 11-17.

MARQUES, Rickley Leandro. **A condição Mariel: memórias subterrâneas da Revolução Cubana**. Goiânia: EDUFMA, 2012.

VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da História**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

SOBRE A ORGANIZADORA

DENISE PEREIRA Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-282-1

